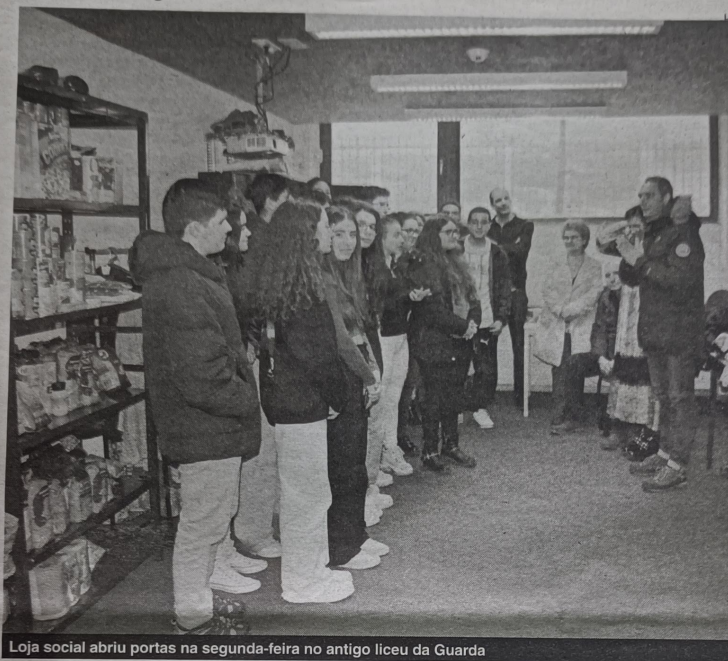


Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque abre loja social

Projeto sugerido por encarregado de educação foi concretizado por alunos do 10ºA com o apoio de professores e está aberto à comunidade guardense



Loja social abriu portas na segunda-feira no antigo liceu da Guarda

Ajudar quem precisa é o mote da loja social que abriu portas esta segunda-feira no Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque, na Guarda. O projeto foi sugerido por um encarregado de educação à direção e mobilizou os alunos do 10º A na angariação de bens alimentares, roupa, calçado e brinquedos junto da comunidade escolar, dos pais e de alguns estabelecimentos comerciais da cidade.

Promover o voluntariado, a solidariedade e a partilha foram os objetivos desta iniciativa levada a cabo na disciplina de Cidadania. «Surgiu da identificação de um problema que há na escola, e na sociedade em geral. Sempre fizemos aqui a recolha de alimentos, de roupas e temos tentado, pelo menos no Natal, pôr em prática este sentimento, mas não desta forma tão incisiva», sublinha Luísa Fernandes, responsável pela loja social. A professora diz-se «espantosamente surpreendida» com o trabalho dos alunos, que organizaram uma campanha solidária na comunidade, foram aos supermercados recolher donativos e serão também quem vai dinamizar o espaço. «Eles estão a fazer um trabalho brutal. Catalogaram tudo, tiraram fotografias aos bens e roupas que temos e criaram um ficheiro com o que há disponível e onde constará também o que for doado», elogia a docente.

A loja social da Afonso de Albuquerque, que se situa na sede do Agrupamento, na Avenida Dr. Afonso Costa, vai funcionar «uma hora ou hora e meia», de segunda

a quinta-feira, sempre no período da tarde. «Qualquer pessoa pode fazer donativos. Penso que os alimentos são neste momento o mais necessário, porque estamos a ver que há muita dificuldade escondida, aquilo que chamam de miséria envergonhada», afirma Luísa Fernandes. Para o “recheio” da loja social contribuiu ainda o desfile “Vestir os Valores”, realizado na passada sexta-feira, onde os adultos pagaram um preço simbólico de um euro e os jovens puderam contribuir com donativos. A opção tinha dois objetivos: «Recebíamos um bem e os miúdos acabavam por tomar consciência da importância de dar, de contribuir para o bem-estar dos outros», justifica Luísa Fernandes, adiantando que o evento «superou as expectativas» após não se ter realizado nos últimos quatro anos.

A partir de agora, qualquer pessoa que se encontre «numa situação de carência» pode ir à Afonso de Albuquerque solicitar ajuda. «Temos também alguns produtos que vão ser vendidos a preços simbólicos porque são novos, de qualidade, e que as lojas ofereceram», acrescenta a responsável, que espera que o projeto possa também ajudar causas extraescolares. José Carvalho, diretor do Agrupamento, não esconde «o orgulho» por concretizar um projeto inédito em meio escolar. «Será a primeira loja a funcionar dentro de uma escola, mas era um passo que tínhamos que dar. O nosso trabalho de voluntariado e solidariedade já era uma realidade, mas sentimos

que ficava curto porque não contactava verdadeiramente com as necessidades da comunidade – e elas existem, são dos nossos alunos e das suas famílias, mas não só», considera.

O diretor acrescenta que a loja social é «uma marca» desse trabalho no Agrupamento, mas tem o condão de proporcionar aos alunos «o contacto direto com toda a dimensão do voluntariado – e esse é o maior valor desta iniciativa». José Carvalho confessa ter ficado «surpreendido e orgulhoso» com a adesão dos alunos, que já estão habituados a participar em movimentos de recolha e angariação de bens. «Mas o desafio era manter este compromisso, fazê-lo perdurar no tempo. A melhor das minhas expectativas era conseguir abrir a loja um dia ou dois e ela vai estar aberta praticamente toda a semana com alunos de várias turmas, de vários anos», realça, reforçando que o espaço estará aberto «a toda a gente que precise».

Da parte dos alunos, Carolina Martins, aluna do 10º A, explicou o trabalho dos jovens, nomeadamente a ida aos supermercados para recolher bens e a abordagem das pessoas para fazerem donativos. «A adesão foi muito boa», afirmou, enquanto a colega Helena Miguel sublinhou que o desafio começou com uma campanha na escola no Natal, no âmbito da disciplina de Cidadania. «Escolhemos o tema dos direitos humanos e queríamos estar em contacto e ajudar as pessoas que mais necessitavam, acho que conseguimos», afirmou.

Salsicharia Pirezas faz a melhor morcela de Portugal

A morcela produzida pela Salsicharia Pirezas, na Guarda, foi eleita a «melhor das melhores» no 13.º Concurso Nacional de Enchidos Tradicionais Portugueses, organizado pelo CNEMA – Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas, em conjunto com a Qualifica/origin Portugal, que decorreu a 16 de fevereiro, em Santarém.

José Lúcio, da Salsicharia Pirezas, recebeu o prémio «com grande orgulho» e afirma que «é o culminar do trabalho de uma equipa e de um aperfeiçoamento constante. Todos os nossos produtos são feitos com matéria-prima de qualidade e com carinho», adiantou o responsável de produção. O ambiente na Salsicharia Pirezas,

localizada no Prado, no concelho da Guarda, «é quase como numa cozinha das nossas casas. Há sempre o toque final, o provar e apurar o sabor. Não há nenhum ingrediente especial é, pura e simplesmente, muita dedicação», garante José Lúcio.

«No mercado só vinga quem tem qualidade e o nosso cliente sabe que a nossa morcela sempre foi muito boa. Foi um produto charneira da empresa que fomos melhorando ao longo do tempo», acrescenta o responsável a O INTERIOR, sintetizando um lema da Salsicharia Pirezas: «Quando o cliente está satisfeito, para nós, é um motivo de orgulho e nunca de comodismo. Queremos sempre mais».



ULS reforça cuidados na comunidade em seis concelhos

Foram contratados funcionários «a mais» para as UCC. Os centros de saúde «não vão perder profissionais».

A Unidade Local de Saúde (ULS) da Guarda apresentou na passada quarta-feira as novas seis Unidades de Cuidados na Comunidade (UCC) que vão funcionar em Almeida, Guarda, Mêda, Pinhel, Sabugal e Trancoso.

Nélia Faria, enfermeira-diretora da ULS, explicou a O INTERIOR que os «cuidados primários e as Unidades de Cuidados na Comunidade trabalham em complementaridade com as Unidades de Saúde Familiar, Unidades de Cuidados de Saúde Primários, Unidades de Saúde Pública e a Equipa de Recursos Assistenciais Partilhados (ERAP)». Segundo a res-

ponsável, «grande parte do trabalho das UCC estava a ser assegurado às populações, no entanto, a partir de agora, «passa a ser feito de forma estruturada, como uma unidade funcional que tem indicadores para cumprir». Nélia Faria considera que a criação das UCC é «premente para os indicadores da ULS, porque fazemos o trabalho mas não estávamos a contabilizá-lo». Nestas unidades, além de enfermeiros, há médicos, assistentes, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, entre outros. Os centros de saúde «não vão deixar de ter profissionais por causa das UCC» visto que os funcionários foram

contratados «a mais para servir as UCC», garante a enfermeira-diretora da ULS da Guarda.

Uma opção corroborada pelo diretor clínico para os cuidados primários. António Serra adiantou que «foram colocados profissionais há pouco tempo» e realçou que «os cuidados de saúde primários na Guarda estão vivos», dizendo-se «feliz por este momento». Aos médicos responsáveis pelas várias UCC, o clínico desafiou que «não tenham medo da mudança» porque «é uma oportunidade para ganhar um maior conhecimento e pôr em prática novas metodologias».



As UCC vêm formalizar o serviço que era prestado por outras unidades médicas

NERGA e CIP debateram "O Papel das Associações Empresariais para o Crescimento do Tecido Empresarial de Portugal"

Armindo Monteiro, antigo aluno da Secundária Afonso de Albuquerque e futuro presidente da CIP, foi um dos oradores



Almoço-debate decorreu no Hotel Versatile

O NERGA - Associação Empresarial da Região da Guarda recebeu na passada sexta-feira a reunião do Conselho Associativo Regional da CIP - Confederação Empresarial de Portugal, presidido por Luís Miguel Ribeiro, presidente da AEP - Associação Empresarial de Portugal. Foi a primeira vez que esta reunião descentralizada decorreu na Guarda e contou a presença de presidentes e vice-presidentes de associações empresariais a nível nacional.

Após a reunião decorreu um almoço-debate dedicado ao tema "O Papel das Associações Empresariais para o Crescimento do Tecido Empresarial de Portugal". Realizado no Hotel Versatile e com moderação de Luís Baptista-Martins, diretor de O INTERIOR e da Rádio Alitude, o encontro teve em Armindo Monteiro, atual vice-presidente e futuro presidente da CIP, o principal protagonista. «As associações têm de ser a tropa de elite da esperança», começou por afirmar, sublinhando que estas estruturas servem para «criar laços, para criar forças, para fazer muitas vezes das dificuldades grandes conquistas». O também presidente do conselho de administração do Future Compta consi-

derou ainda que o facto de o país atravessar fases difíceis também é culpa dos empresários, pois «nós estamos num Portugal derramado, um bocadinho sem norte e não é só o Governo que tem responsabilidade disso, somos nós. Nós é que permitimos que isso aconteça, nós é que somos pouco exigentes com eles», argumentou.

Quanto às associações empresariais, Armindo Monteiro afirmou que têm de exercer um papel de parceria. «As empresas e a economia têm de ter um papel muito importante aliado nas associações, porque, individualmente, somos muito pouco. A nossa individualidade mata-nos. Não conseguimos resolver sozinho problemas complexos que exigem soluções complexas e para essas soluções é necessária coordenação de esforços, o envolvimento de todos e não esta ideia de individualismo». Por sua vez, Orlando Faisca, presidente do NERGA, declarou que «vimos uma crise de representação orgânica na sociedade portuguesa. Os instrumentos tradicionais de representatividade económica e social tendem a perder importância. No associativismo empresarial este fenómeno manifesta-se através da

fragmentação associativa» e para a contrariar é preciso «repensar o movimento associativo e intervir na sua construção e revitalização».

O empresário guardense aproveitou a intervenção para fazer um balanço do trabalho desenvolvido do NERGA em 2022. «Vai ficar marcado como o ano de mudança dos procedimentos internos, onde a aceleração da transição digital, através de uma plataforma colaborativa de gestão de fluxos de trabalho, permitiram aumentar a nossa produtividade e assim apresentarmos mais valor para as empresas da região», disse. Segundo o dirigente, houve também investimento na formação e capacitação dos colaboradores, «dotando-os de ferramentas que permitiram à equipa do NERGA um crescimento profissional, uma melhoria de desempenho com maior foco nos objetivos e na obtenção de resultados». Orlando Faisca disse ambicionar que «a promoção e o desenvolvimento do tecido empresarial continue a ser um dos objetivos para os quais o NERGA trabalha, contribuindo para que as empresas tenham acesso à inovação e a instrumentos que lhes permitam maior competitividade e um maior crescimento sustentado».



opinião
Francisco Manso*

A Renault na Guarda

A GUARDA EM 1960



1. Fábrica da Renault, na Guarda.

Em começos da década de 60, a Guarda era uma pequena cidade, com menos de 15.000 habitantes, que vivia do estatuto de sede de diocese, de distrito e concelho. Era capital de um interior, já pobre, mas muito menos interior que hoje.

Tinha-se a noção que havia muito a fazer para dinamizar estas terras e estas gentes, sempre a caminho de outras esperanças no estrangeiro, e a França, na altura, o grande salto na vida, assim se julgava. Para combater esta situação precisava-se, imperiosamente, de novos e grandes investimentos, que não se anteviam.

A Renault em Portugal

Em Portugal, a história da Renault terá começado em 1929, aquando da inauguração do primeiro stand de vendas, e nunca mais parou, sempre a evoluir, marcada pelo progresso da globalização. Em 1963, a implementação da primeira unidade industrial, na Guarda, responsável pela produção, entre outros, do mítico Renault 4, com a sociedade Indústrias Lusitanas Renault, foi um passo decisivo para a consolidação da marca no país.

Uma história rocambolesca

Por essa altura era presidente do Conselho de Administração das Indústrias Lusitanas Renault Basílio Freire Caeiro da Mata, um homem importante dentro da estrutura do Es-



2. À espera do comboio presidencial. Foto A. Oliveira.

tado Novo. Empreendedor, procura dinamizar a Renault em Portugal, tendo, para isso, que criar uma unidade industrial. Onde, não sabia, mas parece que teria sido o próprio Oliveira Salazar quem teria incentivado o Eng. Basílio Caeiro da Mata, filho de José Caeiro da Mata, seu antigo ministro da Educação Nacional e dos Negócios Estrangeiros, a fazê-lo no interior do país. Faz diligências em vários municípios, e sempre sem sucesso. O assunto torna-se público, vem nos jornais.

Estávamos em 1962 e Joaquim Pina Gomes, então presidente da Câmara da Guarda, toma conhecimento que o presidente do Conselho de Administração das Indústrias Lusitanas Renault pretendia instalar em Portugal uma unidade de produção de automóveis, e da frustração que Caeiro da Mata sentia por encontrar tantos obstáculos ao seu projeto por parte das câmaras por ele contactadas. Seriam tantos que ia procurar alternativas em Espanha. Sai de Lisboa de comboio e quando, no dia seguinte, o comboio parou, obrigatoriamente, na estação da Guarda, é surpreendido por uma comitiva da Câmara, presidida por Joaquim Pina Gomes, que já ali se encontrava à sua espera. Pedem para lhe falar e dizem-lhe que já não precisava seguir viagem pois aqui encontraria todas as facilidades e apoios necessários ao seu projeto, nomeadamente na cedência do terreno apropriado, junto à estação de caminho de ferro.

Caeiro da Mata fica encantado com a visão desta gente (a sua mãe era natural de Manteigas) e agora já nada fazia parar o seu projeto! Feitos os estudos prévios, as obras têm início logo em março de 1963, faz agora 60 anos.

A fábrica e a Guarda Fiscal

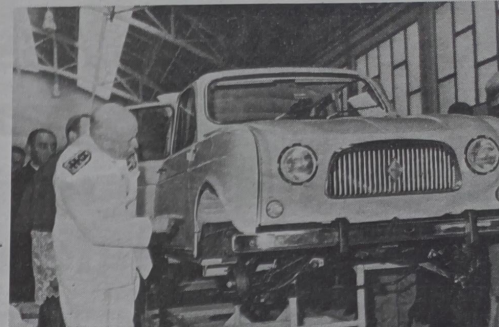
As obras avançaram a um ritmo rápido, de forma que em novembro já se encontrava instalado o equipamento. Em janeiro de 1964 começa a montagem de automóveis e a 4 de março desse ano é criado o posto fiscal da Guarda-Gare, da secção de Vilar Formoso da 6ª companhia do batalhão nº 3 da Guarda Fiscal, destinado à fiscalização da montagem de automóveis, em regime de depósito franco, na empresa Indústrias Lusitanas Renault, S. A. R. L.

A inauguração

Foi a 2 de junho de 1964 que o então Presidente da República, Américo Tomás, veio à cidade inaugurar esta primeira unidade industrial da empresa, que será responsável, entre outros, pelo mítico Renault 4, a que se seguiram outros modelos, entre os quais o R5, R6, R8, R10, R12, R16 e a Trafic. No total foram quase 200.000 viaturas.

Os metalo-batatas

Os trabalhadores da Renault, conhecidos por metalo-batatas, pois muitos deles eram de origem rural e conciliavam a atividade fabril com a ligação à terra. Eram bem remunerados, bem acima da média, e se no início eram 50 trabalhadores, chegaram a ser 500. Nestas circunstâncias, não admira que a sua influência sobre a cidade e a região fosse grande, mesmo marcante.



3. Presidente da República, junto de uma Renault 4.

O fim



4. Joaquim Pina Gomes, Belmonte, 1914, Lisboa, 2004. Col. Ana Manso e Basílio Freire Caeiro da Mata. (Coimbra, 1912; 1996)

Segundo a Renault, a fábrica da Guarda deixou de ser rentável, havia novas tecnologias, o Mercado Comum e a União Europeia às portas. Em 1989 foi vendida aos alemães da Reinshagen (GM), mas já em 1979, antevedendo o pior, os deputados Rui Marrana e Álvaro Estêvão (CDS) questionavam o Governo sobre o Projeto Renault. Reicab, Cablesa, Delco ou Delphi passaram a ser nomes comuns associados à Guarda. Presentemente, as instalações da antiga fábrica da Renault são propriedade de Bernardo Marques.



5. Protestos. Foto Manuel Pacheco.

* Investigador da história local e regional